

*Algumas idéias sobre o amor em Teilhard de Chardin **

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão "nas nuvens"
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

Dentre os muitos koans do budismo de zen, existe um que escolhi para o começo destas reflexões. Ele é assim:

Um discípulo chega junto a um sábio mestre e lhe diz:

- Mestre, se tudo converge para o todo, para onde converge o todo.

E o mestre responde então ao discípulo:

- Eu responderei à sua pergunta se de um só gole você beber toda a água do Rio Amarelo.

O discípulo afasta-se por alguns momentos da presença do mestre.

Depois retorna a ele e lhe de maneira desafiadora lhe diz:

- Mestre, eu acabo de beber de um só gole toda a água do rio Amarelo.

E o mestre encerra a conversa dizendo ao discípulo:

- Então eu já respondi à sua pergunta.

Trouxe até aqui este pequeno e desafiador koan zen budista por causa de três palavras; “tudo”, “todo” e “converge”.

E qual a razão? Ela está em que em meio a antigas e novas “tradições”, entre as do budismo e as de um amplo e aberto holismo existe uma espécie de núcleo de imagens, de crenças, de ideias que parecem ser abrangentes, comuns, partilhadas das mais diversas maneiras.

E ela é justamente a compreensão de que tanto em termos do Universo quanto do ponto de vista da Vida e mesmo da Pessoa Humana, vivemos um tempo em que cada vez mais acreditamos, ou procuramos compreender a “realidade” em todas as suas dimensões a partir do princípio de que todas as coisas que em todas as dimensões de um modo ou de outros existem, são totalidades (variáveis de “tudo”) que estão contidas, ou que convergem para conformar um “todo”. Entre a religião, a espiritualidade, a física e a filosofia cada vez mais parecem prevalecer teorias, crenças ou imaginários centradas em um “todo” que não apenas unifica a diversidade dos “tudo”, como – e por isso mesmo – tudo tenderia a explicar. A tornar compreensível, acreditável tudo o que há no todo em que tudo converge, interage e se realiza.

Em boa parte de compreensões assim totalizantes – mas nunca “totalitárias” - o “todo de tudo” simplesmente “aí está” e “sempre esteve”. Cabe a nós alcançá-lo, compreendê-lo, integrar a vida, a identidade, a personalidade, a alma, o espírito, ou o que seja, nesta totalidade que ora pode ser o *tao* ou o *caminho*, ora o *nada*, ora o *vácuo*, ora o *vazio*, ora o *brahman*, ora o *nirvana*, ora o *fim-dos-tempos*, e assim por diante.

Na maior parte das compreensões de uma realidade convergente e integrado em um todo que tudo abrange e unifica. Um todo anterior e posterior ao tempo. Fora do tempo, eterno, ou mais do que apenas eterno, um verdadeiro todo-eternidade, porque, para além do fluir do que aparentemente muda se transforma, o “todo de tudo” mais do que existe, ele “é” em si-mesmo, sempre.

Podemos, no entanto, pensar que a própria ideia de um “todo de tudo” não corresponde a uma totalidade de tudo que simplesmente “aí está”, eterna e abrangentemente, mas equivale a uma construção. A de que entre o Universo, a Vida, a Consciência, a individualidade de cada Pessoa, está sendo individual, coletiva, vivencial e cosmicamente construído. Não há um todo para o qual convergimos. Há um vocação de totalidade que está sendo perenemente construída.

Para alcançarmos uma compreensão em que a ciência possa se abraçar com uma filosofia do humano e até mesmo com a poesia a respeito da palavra “amor” e de suas vivências, seria preciso vir de muito longe. Seria preciso recuar no tempo e “imensificar” (se esta palavra ainda não existe, eu acabo de inventar) no espaço cósmico o nosso olhar. Seria preciso vir de muito antes do surgimento da Vida na Terra e da Vida Humana no estofo da Vida. Lembro de passagem, que a palavra “estofa”, uma palavra que sugere sempre o lado-de-dentro de tudo, é muito frequente em Teilhard de Chardin.

Desde o Big-Bang, em tudo o que há e existe, do Todo do Universo ao mais ínfimo átomo, que somado a incontáveis outros dá vida a uma bactéria (você tem bilhões delas dentro de você) a força que tudo domina e que em tudo impele a uma ação é uma força de energia de atração. Em direção oposta à entropia ela é uma força universal de sinergia. É uma força extremamente

diferenciada de conexões entre os elementos, as matérias e as próprias energias que em tudo existem, que em tudo fluem e que tudo conectam. Claro, podemos reconhecer em tudo também o seu oposto, como as diferentes forças de repulsão. Mas não fosse dominante em tudo a direção conectiva das energias de atração, não existiriam o Universo, a Terra. A Vida e... Você.

Desde a matéria inanimada - mas nunca inativa - e dotada em sua escala e medida de sua qualidade própria de energia e de uma forma de pré-consciência, até a vida; desde uma expressão muito simples da Vida que existe em uma ameba, até a que pulsa coletiva em uma colmeia de abelhas; desde a coletividade das abelhas a um bando arbóreo de chimpanzés, desde esta comunidade de primatas até aquela em que você vive e de que faz parte, esta diferenciada, cósmica e universal atração não se realiza apenas no interior da fisiologia de cada ser vivo. Não se esgota em sua biologia. Não se acaba em sua visível materialidade. E também não existe e opera em cada unidade de ser, qualquer que seja a sua natureza, da pedra a Pedro. Ela prossegue no domínio do entre-os-seres. Ela se continua e se plenifica no encontro entre eu-e-outros, sejam eles bactérias, abelhas, macacos ou seres humanos.

Ela salta da individualidade do ser para a coletividade dos seres que partilham uma das múltiplas e interconectadas dimensões da Vida. Assim, em alguns seres, de uma maneira especial e muito articulada e intencional, ela salta da unidade para a coletividade e se realiza através da agregação de indivíduos em uma comunidade. E isto não somente por uma razão funcionalista e utilitária. Ao contrário, o que a move são, antes, os diferentes graus e vocações do impulso natural ou mesmo do desejo-de-estar-juntos. O que a move e faz fluir é bem mais a intenção de criar como Vida e no fluxo da Vida as mais diversas modalidades do entre-nós, como cenário da possibilidade de existência e de realização de cada indivíduo participante de uma coletividade.

Quando a Vida faz desabrochar em sua “Árvore da Vida” (lembrar a imagem dela em uma das páginas do *O Fenômeno Humano*), a flor e o fruto da espécie humana; quando passo a passo e entre ensaios de erros e acertos era gera os primeiros

hominídeos e depois os seres humanos e a sucessão dos Homo (a palavra é latina e por isto não tem plural), aqueles de que somos a herança ao longo de milênios, surge então o mais complexo e diferenciado e, portanto, o mais consciente e espiritualizado dos seres vivos.

A Vida na Terra se faz consciente de si-mesma através de nosso pensamento. Através de um estranho ser que não apenas sabe, mas sabe que sabe. E que não apenas sente, mas se sente sentindo, e se sente sabendo e se sabe sentindo. E em nós, os humanos, este impulso em direção à atração, à conexão, ao desejo do encontro com o outro, da busca da partilha, da vivência generosa do diálogo, não apenas nos impele a viver em comunidade. Ele nos desafia a criar a comunidade em que vivemos. A criarmos juntas e juntos os mundos de vida em que nós vivemos nossas vidas e nossos destinos. A criar as mais diferentes experiências de vida social e simbolicamente coletiva. A buscar preservá-las ao longo do tempo. Mas, de acordo com a vocação de cada cultura vivida em cada comunidade humana, a vocação de fazê-la transformar-se. A mudar processos de estruturas do estar-com-o-outro.

E então o sonho de “um outro mundo possível” é o de que esta transformação siga a trilha de uma coletividade sempre mais e mais consciente e amorosamente igualitária, diferenciada, justa, equitativa. Enfim, em termos de Teilhard de Chardin, uma direção ascendente e espiritualmente sempre mais e mais personalizantemente e socializante.

Isto porque uma vocação socializante em Teilhard de Chardin não é de forma alguma um processo meramente social de teor político, realizado na e como história humana. Ele é um acontecer humano e inacabável, cujo chão e cuja diretriz é um sempre crescendo de consciência do que se vive e do que coletivamente se realiza. E, mais ainda, ele é um apelo em direção ao outro fortemente gerado e conduzido pelo afeto, pela emoção. Por consciência reflexiva e partilhada de que somos essencial e existencialmente um inevitável *nós*, um crescente *entre-nós*, para podermos, de dentro dele, sermos um pessoalmente um *eu*.

É à dimensão mais generosamente ascendente, espiritual e consciente de busca e acolhida do *outro*, aquilo a que Teilhard de Chardin dá o nome de *amor*. O amor é o afeto-energia que interior, interativa e conectivamente nos lança para além de Nós mesmos em busca da Vida, em busca do Outro, em busca de criar com ele a ascendente plenitude do lugar do existir humano. E este lugar a construir é a personalizante comunidade ascendente e espiritualmente socializada. Em sua direção, o amor é em nós a mais poderosa força e a mais humana energia ascensional.

O amor é um sentimento e é mais do que ele. Ele é uma emoção (como em Humberto Maturana) e é mais do que ela. Ele é uma diretriz-guia em direção a um inacabável ser-mais. E um ser-para-além-de-si, no encontro com o outro. Pois ele é o próprio fundamento da vida em nós. E de uma vida amorosamente consciente-de-si e do outro. Assim, ele está na própria razão de ser de nós-mesmos. Amo, logo existo!

Nós não apenas somos possuídos pelo amor, como em Martin Buber e, assim, somos, sentimos e agimos através dele e em seu nome. Nós chegamos ao amor do qual surgimos para cumprimos solidariamente juntos a vocação sempre ascendente da experiência do ser-que-somos e que sendo, construímos aqui na Terra.

Somos seres em que uma lei universal da atração tornou-se consciente de si. E que então se realiza como amor e através do amor. E neste movimento, somos nós, os habitantes da aventura do humano, aqueles a quem é dada a tarefa de conduzir ascendentemente toda a Vida ao seu destino de ascender e ser, ela também, um *sempre mais*.

Como um precioso anexo a este pequeno rascunho transcrevo uma longa passagem de Teilhard de Chardin sobre o amor. Está em *O Fenômeno Humano*.

Do amor nós só consideramos habitualmente (e com que requintes de análise!) o aspecto sentimental: As alegrias e os sofrimentos que ele nos causa. É no seu dinamismo natural e na sua significação evolutiva que me acho levado a estudá-lo aqui, a fim de determinar as fases últimas do Fenômeno humano.

Considerado em sua plena realidade biológica, o amor (quer dizer, a afinidade do ser com o ser) não é exclusivo do Homem. Representa uma propriedade geral da Vida, e, como tal, molda-se em variedades e em graus, a todas as formas que toma sucessivamente a matéria organizada. Nos mamíferos, bem próximos de nós, reconhecemo-lo facilmente com suas diversas modalidades: paixão, sexual, instinto paternal e maternal, solidariedade social, etc. Mais longe ou mais abaixo na Árvore da Vida, as analogias são menos claras. Atenuam-se até se tornarem imperceptíveis. Mas cabe aqui repetir o que eu dizia do “Dentro das Coisas”. Se, num estado prodigiosamente rudimentar sem dúvida, mas já nascente, não existisse, até na molécula, alguma propensão a se unir, seria fisicamente impossível ao amor surgir mais acima de nós, em nós, em estado hominizado. De direito, para constatar com certeza sua presença em nós, devemos supor sua presença, pelo menos incoativa, em tudo o que existe. E de fato, se observarmos ao nosso redor a ascensão confluyente das consciências, veremos que ele não falta em parte alguma. Platão já o havia sentido e o exprimia de forma imortal em seus Diálogos.

Mais tarde, com pensadores como Nicolau de Cusa, a filosofia da Idade Média retornou tecnicamente à mesma ideia. Sob as forças do amor, são os fragmentos do Mundo que se buscam, para que o Mundo sobrevenha. Nisto nenhuma metáfora – e muito mais que poesia. Seja ela força ou curvatura, a universal gravidade dos corpos, que tanto nos impressiona, não é senão o avesso ou a sombra daquilo que move realmente a Natureza. Para perceber a energia cósmica “frontal”, é preciso, se as coisas têm um dentro, descer à zona interna ou radial das atrações espirituais.

O amor, sob todos os seus matizes, não é mais nada, nem nada menos, que o sinal mais ou menos direto marcado no âmago do elemento pela Convergência psíquica do Universo sobre si mesmo.

...

Só o amor, pela simples razão de que só ele prende e junta os seres pelo mais fundo deles mesmos, é

capaz – e esse é um fato da experiência cotidiana – de completar os seres, enquanto seres, reunindo-os. Em que minuto, com efeito, dois amantes atingem a mais completa posse de si mesmos, senão naquele em que se dizem perdidos um no outro? Na verdade, o gesto mágico, o gesto reputado contraditório de “personalizar” totalizando, não o realiza o amor a cada instante, no casal, na equipe, à nossa volta? E isso que ele opera assim quotidianamente numa escala reduzida, por que não o repetirá um dia às dimensões da Terra?

A humanidade; o Espírito da Terra, a Síntese dos indivíduos e dos povos; a Conciliação paradoxal, do Elemento e do Todo, da Unidade e da Multidão; para que essas coisas, ditas utópicas, e no entanto biologicamente necessárias, tomem corpo no mundo, não basta imaginar que nosso poder de amar se desenvolvesse até abarcar a totalidade dos homens e da Terra.

Ora, dirão, mas isso é precisamente indicar o impossível!

Tudo o que um homem pode fazer – não é verdade? – é dedicar sua afeição a um ou a alguns raros seres humanos. Para além, num raio maior, o coração já não alcança, e não sobra lugar senão para a fria justiça e a fria razão. Amar tudo e todos: gesto contraditório e falso que só leva finalmente a não amar nada.

Mas então, responderei eu se, como pretendem, um amor universal é impossível, que significa então, em nossos corações, esse instinto irresistível que nos impele para a Unidade, cada vez que, numa direção qualquer, nossa paixão se exalta? Sentido do Universo, sentido do Todo; diante da natureza, perante a beleza, na Música, a nostalgia que se apossa de nós – a expectativa e o sentimento de uma grande Presença. Afora os “místicos” e os seus analistas, como é que a psicologia pôde negligenciar tanto essa vibração fundamental, cujo timbre, para um ouvido experto, se distingue na base, ou antes, no ápice de toda grande emoção? Ressonância ao todo: nota essencial da Poesia pura e da pura Religião. Ainda uma vez, o que deixa transparecer esse

fenômeno, nascendo com o Pensamento e com ele crescente, senão um acordo profundo entre duas realidades que se buscam: a parcela isolada que freme à aproximação do Resto?

Com o amor do homem pela mulher, por seus filhos, por seus amigos, e até certo ponto, por seu país, imaginávamos muitas vezes Ter esgotado as diversas formas naturais de amar. Ora, dessa lista está precisamente ausente a mais fundamental forma de paixão: aquela que, sob a pressão de um Universo que se cerra, precipita, um sobre o outro, os elementos do Todo. A finidade e por conseguinte o sentido cósmico.

Um amor universal: não somente é algo psicologicamente possível; mas é também a única maneira completa e final de podermos amar. O Fenômeno Humano, páginas. 297 a 299.

Ora, este é precisamente o caso da Humanidade. Entre elementos humanos, dado o fato do surgimento do pensamento, constitui-se um meio especial e novo, no interior do qual os indivíduos adquirem a faculdade de se associarem e de interagirem entre eles, não principalmente em nome da conservação e do prolongamento coletivo da espécie, mas em nome de um crescimento de uma consciência compartilhada. Em tal meio a diferenciação nascida da união pode agir sobre aquilo que cada elemento carrega em si-mesmo de mais particular, de mais incomunicável: a sua personalidade.

A socialização, cujo momento parece haver soado agora para a Humanidade, de modo algum significa para a Terra o final, mas, antes, o começo da Era da Pessoa. Toda a questão neste momento crítico é que a coletivização das individualidades realiza-se não (segundo o método “totalitário”) como uma qualquer mecanização funcional e forçada das energias humanas, mas no interior de uma “conspiração” animada de amor.

O amor tem sido sempre ilusoriamente descartado das construções realistas e positivistas do Mundo.

Mas nós devemos um dia nos decidir a reconhecer nele a energia fundamental da Vida, ou, em outras palavras, o único meio natural no qual torna-se possível o avanço do movimento ascendente da evolução

*Sem amor, eis-nos diante do espectro do nivelamento e da submissão: o destino do cupim e da formiga. Com o amor e através do amor tudo é o aprofundamento de nosso eu mais íntimo no vivificante relacionamento humano. E ele é também a torrente livre e sonhadora de todos os caminhos ainda i inexplorados. O amor que enlaça sem dissolver aqueles que se amam, e o amor que os faz entrever no encontro mútuo uma exaltação capaz - muitas vezes mais do que todo o orgulho solitário - de suscitar no fundo deles mesmos as mais poderosas e criativas pessoais originalidades. **Pierre Teilhard de Chardin, La Grande Option – 1. Au bord de la socialización humaine, no livro: L’Avenir de l’Homme, Éditons du Seuil, Paris, 1959, página 75***

Ora, ao nível da Humanidade, uma transformação radical, devida provavelmente ao fenômeno psíquico da Reflexão, veio modificar a lei do desenvolvimento (das espécies de seres vivos – CRB). Psicologicamente – e todos estão de acordo sobre este ponto – o que realiza o Homem é o poder surgido em sua consciência de se replicar pontualmente sobre ela mesma. Como se costuma dizer, o animal sabe; mas, entre todos os animais, apenas o Homem sabe que sabe. Desta faculdade nova emerge com evidência todo um ramalhete de propriedades novas: liberdade, previsão do futuro, aptidão a “planejar” e a construir, etc. Isto todo mundo percebe. Mas o que ainda não foi suficientemente percebido é que sempre, em virtude do mesmo poder de reflexão, os elementos viventes hominizados tornam-se capazes – irresistivelmente capazes – de se estreitarem, de se comunicarem, e, finalmente, de se unirem entre eles.

La formación de la Noosphère – Naissance et structure zoologique de l noosphère, na página 205 do mesmo livro.